

---

# “É PRECISO ESPERANÇAR...”: ENSAIO SOBRE A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA DE PAULO FREIRE: UM (RE)ENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

“YOU HAVE TO HOPE...”: ESSAY ON PAULO FREIRE'S PEDAGOGY OF HOPE: A (RE)ENCOUNTER WITH THE PEDAGOGY OF THE OPPRESSED

---

Eduardo Rodrigues Genovez<sup>1</sup>  
Neuma Laíza da Silva Lima<sup>2</sup>  
Matheus Jhonas Bezerra da Silva<sup>3</sup>  
Veronica Mariano dos Santos<sup>4</sup>  
Enos André de Farias<sup>5</sup>  
Uiara Ferreira Farias<sup>6</sup>

**RESUMO:** “É Preciso Esperançar...” é um ensaio sobre a obra “Pedagogia da Esperança” do educador brasileiro Paulo Freire, na qual promove um reencontro com sua icônica obra “Pedagogia do Oprimido”. O texto destaca a importância da esperança como elemento fundamental na educação e na transformação social. Paulo Freire enfatiza que a esperança não deve ser confundida com ingenuidade ou passividade diante das adversidades. Pelo contrário, é uma força ativa que impulsiona a ação e a luta por um mundo mais justo e igualitário. A Pedagogia da Esperança proposta pelo autor busca despertar a consciência crítica dos indivíduos, permitindo que eles percebam as estruturas opressoras e se engajem na transformação dessas realidades. O autor ressalta a importância de uma educação libertadora, que valoriza a experiência de vida dos educandos, promovendo uma reflexão e ação coletiva. A esperança é vista como um combustível para essa transformação, pois inspira a crença na possibilidade de mudança e na construção de um mundo mais humano. No ensaio, os autores exploram o diálogo entre a “Pedagogia da Esperança” e a “Pedagogia do Oprimido”, mostrando como a esperança permeia ambos os conceitos. Freire acredita que a esperança é essencial para superar as estruturas de opressão e criar novas narrativas educacionais que valorizem a aprendizagem e a liberdade dos sujeitos. Também enfatiza a importância da esperança como uma força motivada e transformadora na educação, para qual somos convidados por Paulo Freire a repensar nossa prática pedagógica e acreditar na capacidade dos indivíduos de se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e em suas comunidades. A esperança se torna assim uma ferramenta poderosa na busca por um mundo mais igualitário, solidário e humano.

**Palavras-chave:** Esperançar. Paulo Freire. Pedagogia da Esperança. Educação.

**ABSTRACT:** “It's Necessary to Hope...” is an essay on the work “Pedagogy of Hope” by the Brazilian educator Paulo Freire, in which he promotes a reunion with his iconic work “Pedagogy of the Oppressed”. The text highlights the importance of hope as a fundamental element in education and social transformation. Paulo Freire emphasizes that hope should not be confused with naivety or passivity in the face of adversity. On the contrary, it is an active force that drives action and the struggle for a more just and egalitarian world. The pedagogy of hope proposed by the author seeks to awaken the critical awareness of individuals, allowing them to perceive the oppressive structures and engage in the transformation of these realities. The author emphasizes the importance of a liberating education, which values the students' life experience, promoting collective reflection and action. Hope is seen as fuel for this transformation, as it inspires belief in the possibility of change and the construction of a more humane world. In the essay, the authors explore the dialogue between the “Pedagogy of Hope” and the “Pedagogy of the Oppressed”, showing how hope permeates both concepts. Freire believes that hope is essential to overcome structures of oppression and create new educational narratives that value learning and the freedom of subjects. It also emphasizes the importance of hope as a motivated and transformative force in education, for which we are invited by Paulo Freire to rethink our pedagogical practice and believe in the ability of individuals to become agents of change in their own lives and in their communities. Hope thus becomes a powerful tool in the search for a more egalitarian, supportive and humane world.

**Keywords:** Hope. Paulo Freire. Pedagogy of Hope. Education.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando Paulo Freire lançou em 1992, a obra *Pedagogia da Esperança*, já tinham passados 24 anos da publicação de *Pedagogia do Oprimido*, e estávamos distantes sete anos do fim da Ditadura Militar, onde a Nova República buscava criar uma ideia de normalidade civilista no seio da sociedade brasileira, até porque o presidente eleito em 1989 tinha sofrido processo de impeachment por corrupção. Fernando Collor de Melo, primeiro presidente eleito no período pós-ditatorial, que assumiu o país em plena recessão econômica e que acabou tomado medidas não republicanas, perdeu apoio popular e a governabilidade, tendo seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos por 8 anos, mesmo tendo renunciado.

Havia desesperança na sociedade, na economia com a inflação corroendo os salários, o poder de compras dos brasileiros e os lucros das empresas. Um número elevado de desempregados e a falta de perspectiva com o futuro, além do desassossego e das mudanças que vinham ocorrendo no seio da escola, na qualidade do ensino, nessa falta de norte que o país e a sociedade se deparavam.

A *Pedagogia da Esperança* traz consigo um fio de esperança diante das muitas injustiças que o povo brasileiro teve que enfrentar. Esperança do verbo *esperançar* (como diria o próprio Paulo Freire).

Para Leonardo Boff (2021, p.11) “a esperança nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o oprimido como sujeito, pois ela implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam ao longo da história”. E continua afirmando que ela nasce como feixe de possibilidades e virtualidades que podem, pela prática histórica “ser levada a concretização”.

É interessante falar sobre isso porque mesmo com a consagração de Paulo Freire como o educador brasileiro do século XX, como patrono da educação brasileira, com mais de 40 títulos de Doutor Honoris Causa, conferidos por Universidades no Brasil e no estrangeiro, ainda assistimos, ouvimos e lemos diferentes críticas ao pensamento freireano.

O fato é que Paulo Freire enquanto pensador contemporâneo, inseriu os “invisíveis” em seus escritos, deu voz aos oprimidos, apontou para as práticas nefastas de uma educação eugênica, feita para excluir pobres, pretos, favelados, indígenas e tantos outros que viviam e vivem à margem da sociedade brasileira. O próprio Freire (2021, p. 15) afirma:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tomar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão.

Pensar a esperança a partir da educação é afirmar a necessidade humana de ter esperança na sua existência, porque a existência humana prescinde a necessária luta para fazê-la melhor. Freire (2021, p.15) afirmará que:

Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.

A *Pedagogia da Esperança* busca destacar diversos aspectos vividos na década de 1970, quando o autor rememora fatos de sua vivência, de sua leitura de mundo, dos muitos encontros que teve ao longo de seu exílio, e das conversas e frutos que nasceram desse período. É também um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*.

Paulo Freire ao ser exilado, primeiramente no Chile, depois em outros países europeus, onde sua obra é reconhecida e discutida, ministrara aulas e palestras em universidades e institutos, de forma intensa e com intensos debates, sempre ensinando e aprendendo, dentro da estética freireana do ouvir e do perguntar. São desses encontros que vai nascer a obra *Por uma pedagogia da pergunta*, publicada pela Paz e Terra em 1985, na qual ele afirma que a educação esqueceu as perguntas e se apegou ao conhecimento final, observando que o conhecimento começa pela pergunta, pela curiosidade, e que a curiosidade é uma pergunta per si, onde se valoriza a resposta (que ele vai chamar de saber) e não a pergunta, o qual chamará o fato de “castração da curiosidade”.

Nas conversas e nos debates ele tanto ensina quanto aprende, e pergunta aos trabalhadores sobre o que eles buscavam ao lê-lo. Daí esse reencontro, em um momento conflituoso para a sociedade, é também o momento de revisão de alguns pontos de vista, como a ideia de desigualdade social, a relação entre a escola e família; a participação da comunidade na política educacional e a democratização das escolas públicas.

Mas Paulo Freire ressalta a necessidade de nunca perdermos a esperança, lutando para que isso aconteça, lutando pela democratização social da educação, como futuros educadores.

Vale a ressalva que o debate sobre a democratização do ensino, da escola, da educação, ganhou expressão nesse período, e conquistas, na década seguinte. Ele retorna do exílio e ajuda na construção dos novos rumos que a educação brasileira precisava seguir. Por exemplo, em 1996 teremos, a partir do esforço do senador e antropólogo Darcy Ribeiro, a aprovação da Lei Federal nº 9.396/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Dois anos depois vão surgir os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, a partir dos primeiros anos da primeira década do século XXI, conquistas sociais como o direito de todos estarem na escola (assegurado por Lei), o Piso Nacional do Magistério Público, e a necessidade dos Municípios e Estados atualizarem seus Planos de Cargos e Salários, estarão na pauta diária da escola e dos gabinetes.

Entendendo que a educação é direito universal, e o papel do educador diante da sociedade é de garantir esse direito, principalmente em tempos sombrios, vivenciados nos últimos anos, com as mudanças nos investimentos na educação pública, na formulação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que retira o protagonismo do educador e do educando, criando trilhas de conhecimentos que é uma incógnita para os atores sociais partícipes da educação, o encontro da esperança com o oprimido é também um momento de revisão de conceitos estéticos, já que Paulo Freire narra sua passagem pelo o Serviço Social da Indústria (SESI), como diretor do setor de educação e cultura, o qual fez ele deslocar de vez da advocacia, e a relação com a sua ex-mulher Elza, que foi a primeira leitora da *Pedagogia do Oprimido*.

Para Freire (2021, p.17):

A Pedagogia da Esperança é um livro assim, escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância, que não se confunde com a conivência, da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal.

Nas viagens proporcionadas pelo SESI, Paulo Freire manterá contato com diversas culturas, onde o mesmo vai relatar seus encontros nos Estados Unidos e no Chile, as experiências, as observações e reflexões ao longo do tempo, e que ele vai narrando ao longo da escrita da obra.

Neste ensaio, pretendemos contextualizar o olhar de Paulo Freire para dentro da Pedagogia do Oprimido, e das questões observadas por ele ao retornar do exílio, suas frustrações, esperanças, mudanças e quebra de paradigmas, ambos expressados na Pedagogia da Esperança, que é um reencontro com o Oprimido, contextualizando-os com as conquistas sociais e políticas públicas da educação em nos últimos anos.

## **2 DO QUINTAL DE SUA CASA AS REFLEXÕES SOBRE EXISTÊNCIA**

Paulo Freire começa seus escritos construindo um olhar para dentro de si, de suas histórias, do seu passado no quintal da casa em Recife/PE, suas andanças pelo direito, e a experiência em um escritório jurídico até ser convidado para assumir uma função no setor jurídico do SESI (Serviço Social da Indústria), a convite do empresário Cid Sampaio, e depois a divisão de educação e cultura. Neste setor de fato compreendeu seu papel social, ao ver como a educação de jovens e adultos acontecia.

A passagem pelo SESI serviu como base para a sua construção, porque a partir dos conhecimentos ali adquiridos construiu a tese defendida na Universidade Federal de Pernambuco com o título “Educação como Prática de Liberdade”. Para Freire (2021, p.26) “a passagem pelo SESI tramou algo de que a pedagogia foi uma espécie de alongamento necessário”. É desse período também que vai nascer os primeiros escritos da Pedagogia do Oprimido.

A certa altura da obra Pedagogia da Esperança, Paulo Freire conta sobre a realização de uma pesquisa sobre castigos corporais, ainda no SESI, e que serviu para balizar sua tese defendida na UFPE. Ele afirma que baseou sua discussão teórica em Piaget, quando aponta para o código moral da criança e sua representação mental do castigo, defendendo para tanto, a relação dialógica, amorosa, entre pais, mães, filhas, filhos, como substitutivo do uso dos castigos violentos.

Paulo Freire afirma que ao terminar de explanar suas análises e ponderar as questões da pesquisa, um senhor que ouvia atentamente sua explanação, pede a palavra e questiona se Freire conhece seu espaço de moradia, se ele enquanto pesquisador compreende o que é a pobreza e o estado de necessidade e sobrevivência do povo sofrido do Recife/PE à época.

Me fitou manso, mas penetrantemente e perguntou: “Dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já esteve na casa de um de nós?”. Começou então a descrever a geografia precária de suas casas. A escassez de cômodos, os limites ínfimos dos espaços em que os corpos se acotovelam. Falou da falta de recursos para as mais mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com um amanhã melhor. Da proibição que lhes era imposta de ser felizes. De ter esperança. (FREIRE, 2021, p.36)

Afirma Paulo Freire que aquela fala serviu como parâmetro para as mudanças de discursos e paradigmas que viriam posteriormente, e que precisava ouvir as vozes e falar a língua do povo.

O discurso daquela noite longínqua se vem pondo diante de mim como se fosse um texto escrito, um ensaio que eu devesse constantemente visitar. Na verdade, ele foi o ponto culminante no aprendizado há muito iniciado – o de que o educador ou a educadora progressista, ainda quando, às vezes, tenha de falar ao povo, deve ir transformando o ao em com o povo. E isso implica o respeito ao “saber de experiência feito” de que sempre falo, somente a partir do qual é possível superá-la. (FREIRE 2021, p. 38)

A Pedagogia do Oprimido vai falar justamente desse encontro e dos muitos encontros que a vida vai proporcionar a Paulo Freire, para conhecer o mundo e teorizar sobre as práticas educativas voltadas para aquele homem.

### **3 ENCONTROS COM OPERÁRIOS À FORMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA**

Ao recordar suas primeiras reuniões com operários e operárias, Paulo Freire diz que os mesmos proporcionaram reflexão, pois suas palavras eram de difícil entendimento para as pessoas que estavam reunidas, devido à pouca ou quase nenhuma escolaridade. Daí a necessidade da “desescolarização da escola”, termo tolhido por Freire (2021), para dizer que a escola também precisa entender seu aluno para ser entendida, que precisa ser um espaço de acolhimento, pois ainda existem pessoas sem acesso à educação e sem acesso, muitas vezes, não tem uma formação que o faça absorver o que aprende na escola, com isso vem os analfabetos institucionais.

Conforme Romão (2016),

É necessário desfazer a confusão instalada por alguns historiadores da educação e do pensamento pedagógico que, astuta ou ingenuamente, identificam as ideias de Paulo Freire a respeito da escola com as de Ivan Illich, que pregou a “desescolarização” da sociedade. Essa confusão vem provocando prejulgamentos a respeito das propostas de Freire para a educação e, conseqüentemente, acaba alimentando a resistência à sua introdução no Sistema Educacional Brasileiro, no qual seu pensamento tem penetrado apenas por meio de frases de efeito ou como epígrafes de trabalhos escritos.

O que Romão (2016) afirma é que o termo utilizado por Paulo Freire (2021, p.146), na ocasião de uma palestra realizada com Ivan Illich, em Genebra, é que a escola precisa ouvir aquele que está fora da escola, sem preconceitos ou ideologias, e que isso é prática de liberdade.

Essa situação ficou clara durante o período pandêmico (2020/2021), quando os invisíveis, seja econômico ou mesmo social, necessitaram de acolhimento e da mão do Estado através dos auxílios emergenciais e continuados, como o Bolsa Família, Auxílio Brasil, etc. Não sendo este modelo de distribuição de renda, a educação seria pior, seria trágica.

### **4 PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Bem sabemos que a educação transcende o sentar-se na carteira e no olhar, muitas vezes perdidos dos alunos, ao professor que discorre por horas e mais horas determinado assunto. Ensinar, diria Paulo Freire (2018, p.39) “exige reflexão crítica sobre a prática”, porque a prática docente crítica implica no pensar certo e envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Ensinar é o encontro dos saberes da sala de aula com os saberes externos, estes muitas vezes esquecidos ou subjugados.

Nesse contexto, os professores progressistas não podem se contentar apenas em querer transmitir conhecimento de maneira unilateral, enchendo o quadro branco com informações e torcer, sem muito se importar e as vezes sem lograr êxito, se o aluno irá absorver ou não determinado conteúdo. Educar vai muito além de descrever lugares e espaços, números e letras.

Parece algo óbvio, apontar que o ato de ensinar é a junção do espaço/tempo com o discente/docente, e, mais que, é a junção de saberes externos e internos, porém é assim mesmo que muitas vezes Paulo Freire vai ser descrito: como o “educador das obviedades”. O óbvio em Paulo Freire é apresentado como o espaço deixado pela consciência. No poema “Canção Óbvia”, escrito na suíça em 1971, e publicado na obra *Pedagogia da Indignação*, o educador pernambucano narra que:

enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo, que o sol queimará, minhas mãos ficarão calejadas, meus pés aprenderão o mistério dos caminhos, meus ouvidos ouvirão mais, meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti” (FREIRE, 2000, p.05)

Quando o autor afirma que seus pés aprenderão o mistério dos caminhos, e que seus ouvidos ouvirão mais, e que seus olhos verão o que antes não viam, dá uma ideia de que ao sair do Brasil, Paulo Freire tornou-se um observador das coisas do mundo, e um divulgador das suas ideias para alfabetizar adultos. Ele deixou sua aldeia para colher em outras plagas, ideias que poderia ser implantado no Brasil. E essa análise é bem observável quando Freire (2021, p.145) afirma que se sua posição na época (falando do lançamento da *Pedagogia do Oprimido*) tivesse sido a mecanicista não teria sequer falado em conscientização. Entende-se que os mecanismos ideológicos apontados são da educação bancária, questionados em muitos textos seus. Para Paulo Freire os sujeitos são indivíduos autônomos, conscientes de suas práticas e detentores de saberes, não tábuas rasas como pensa a mecânica da educação bancária. Daí passa a refletir:

Falei em conscientização porque, mesmo tendo tido resvalamentos na direção idealista, minha tendência era rever-me cedo e, assim, assumindo a coerência com a prática que tinha, perceber nela embutido o movimento dialético consciência-mundo (FREIRE, 2021, p.145).

Nisso, é preciso saber e reconhecer seus alunos como seres pensantes e que carregam consigo uma carga de conhecimento e sabedoria. É preciso usar essa experiência a favor do aprendizado e saber que muitas delas implicam diretamente na formação. É preciso apontar para o diálogo como forma de construir pontes entre o estudante e a educação.

Em um diálogo sereno entre Paulo Freire e o professor Otávio Ianni, a respeito da cultura popular e das manifestações das crenças religiosas, este ficou surpreso quando aquele lhe pediu uma bíblia e não um livro de Vladimir Lenin, para com isso conversar com camponeses. Freire (2021, p. 148) dirá que precisa da Bíblia para entender melhor o universo místico dos camponeses, afirmando que “sem esta compreensão, como posso me comunicar com eles?”

No livro *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire defende a democratização da escola pública, com formação não apenas para os discentes, mas sim para todo o corpo funcional, desde o porteiro até o gestor escolar. Uma escola democrática se preocupa com a participação de todos no processo de ensino/aprendizagem, tendo como peça fundamental a colaboração da família, pois o elo entre família e escola é de fundamental importância para o crescimento escolar e individual dos alunos.

O professor progressista se encaixa nesse contexto de escola democrática. É preciso provocar o diálogo e que “entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por n razões entre elas porque a diferença entre eles os faz ser como estão sendo” (FREIRE, 2021, p.162).

É importante saber que cada um aprende no seu ritmo e no seu tempo. Mais do que passar conteúdos, é preciso estimular a criatividade, a visão de mundo, o senso crítico. É preciso demonstrar que o aluno pode e tem o direito de expressar sua opinião. Deixar o aluno saber que o próprio professor tem suas opiniões sem ser necessário escondê-las sobre o manto do perigo de influenciar. Existe uma grande diferença entre estimular o pensamento e influenciar.

Freire (2021, p.165) dirá que “cabe aos educandos ter ou criar e desenvolver a capacidade crítica de acompanhar o movimento que o professor faz, na aproximação que ele ou ela busca do tema. Em certo aspecto, este tipo de professor comete um equívoco também”.

É preciso entender que a escola prepara os educandos para a vida e para viver em sociedade, e deve ser pensando nisso que os educadores devem basear suas formas de ensinar/planejar.

## **5 RETOMADA AO MÉTODO FREIREANO**

O Método Freireano foi inicialmente aplicado na educação de jovens e adultos, por estudantes voluntários e em período de férias, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os mesmos deslocaram-se para o município de Angicos e conseguiram alfabetizar num tempo de 45 dias, aproximadamente 400 cortadores de cana. O método Freireano trabalha com a ideia de “palavra geradora”, onde o professor aprenderia e se adequaria primeiro ao conhecimento e ao vocabulário do estudante, usando esta estratégia para facilitar o processo de aprendizagem. Ganhou o nome de dialogismo e nada mais é do que um diálogo entre professor e aluno. O método tem três etapas, a primeira chamada de investigação, a segunda de tematização e a terceira de problematização.

Na investigação o professor identificaria as palavras centrais do vocabulário do aluno; na segunda etapa o professor usa essas palavras e expressões no processo de ensino e na visão do mundo dos estudantes. Na última etapa, problematização, o professor, com o uso de dessas palavras, auxilia o estudante a enxergar além do que já estão habituados.

O método Freireano foi considerado subversivo pelo governo militar que chegou ao poder em 31 de março de 1964, quando João Goulart foi destituído e uma junta de militares assumiu o poder federal. Paulo Freire, assim como muitos intelectuais, foi exiliado no Chile, onde continuou seus estudos e pesquisas com camponeses chilenos e grupos estudantis.

## **6 CONQUISTAS DA EDUCAÇÃO**

A educação brasileira passou por várias mudanças no decorrer dos últimos anos. Após retornarem o exílio, e do processo de redemocratização, o Brasil presenciou a promulgação da Constituição Federal de 1988, que nasceu sob a égide de ser uma carta cidadã, com uma série de conquistas e direitos fundamentais, bem como, com a interiorização, melhorias das estruturas físicas das escolas, da contratação de professores e do financiamento da educação brasileira.

A Lei de Diretrizes e Bases, sancionada em dezembro de 1996, estabeleceu normas e diretrizes para todo o sistema educacional, inclusive determinando as obrigações de cada ente federado, até a implantação em 1998, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que democratizou o ingresso no ensino superior.

O Programa Brasil Alfabetizado, criado em 2003, visou a alfabetização de jovens acima de 15 anos, levando o Brasil ao patamar de busca ativa pelo fim do analfabetismo, retomando ao pensamento freireano.

Em 2003 também tornou-se obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira e indígena nas escolas públicas e particulares. Nesse mesmo contexto, em 2012, a criação das cotas para ingresso nas universidades veio demonstrar a necessidade de um amplo debate sobre o processo de escravidão e como as comunidades de remanescentes de escravos foram vistas ao longo de sua história.

Em 2004 nasceu o ProUni, que concede bolsas de estudo a jovens de baixa renda. O Sistema de Seleção Unificada (SISU) nasceu em 2010, e permitiu a oferta de vagas, por universidades públicas e privadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Paulo Freire rememora em *Pedagogia da Esperança* os pilares centrais da pedagogia do oprimido. No entanto, seu olhar não é o de idealizador apenas, mas de quem viveu e presenciou mundo afora, as mudanças necessárias para serem implementadas no Brasil. O pensamento de esperança é o pensamento de quem idealiza um mundo com mais igualdade e menos pobreza. Mas também é o ideário de quem almeja o diálogo como forma de educação.

Freire (2021), em um primeiro momento descreve suas ações enquanto exilado político. Ele fala de sua participação política, e da necessária presença das pessoas na busca pela redemocratização. Também reflete sobre a mobilização e a organização das forças culturais no sentido da ampliação e no do aprofundamento e superação da ditadura que ofuscou o desejo por democracia.

No momento seguinte, a obra vai mostrar que é preciso assumir a radicalidade democrática para a qual não basta reconhecer-se livres, antes, é preciso mudar as estruturas ideológicas da sociedade: não se pode aceitar como sendo normal o fracasso escolar, a fome, a pobreza extrema, famílias morando debaixo de viadutos, o insucesso do aluno, enfim, é preciso coragem para vencer.

A *Pedagogia da Esperança* também vai falar dos encontros com operários e trabalhadores mundo afora, e que esses encontros mostram a Paulo Freire uma lição importante para sua formação: a necessidade de ouvir, do partilhar, do compreender o outro na sua essência. Muitos operários não entendiam as palavras que Freire utilizava através dos seus diálogos, devido à pouca escolaridade e até mesmo sem nenhuma.

A lição ensinada por Paulo Freire para as gerações de professores é bem simples: para entender as necessidades e fazer-se compreender aquilo que é fundamental, é preciso ouvir, fazer-se entender é levar para dentro da escola aspectos democráticos, para que os invisíveis sociais consigam acesso a direitos.

Para Paulo Freire é preciso a desconstrução da escola, na literalidade da palavra, deixando de lado os ensinamentos tradicionais e unilateral, para ouvir e trazer as experiências dos alunos ao centro das discussões.

Freire (1992) acredita que a escola tem que incluir todo mundo, preparando os estudantes para a vida, despertando o senso crítico.

A Pedagogia da Esperança é um diário de bordo das muitas histórias que Paulo Freire colheu ao longo do seu exílio, quer seja na América do Sul ou Norte; em diversos países da Europa, e na África. Esse caderno de memórias conduziu o autor ao reencontro com a Pedagogia do Oprimido, só que de forma mais maduro, sem o afã ideológico da obra publicada na década de 1960.

Aquele Paulo Freire que escreve em 1992 a Pedagogia da Esperança, é um homem maduro, consciente de seu papel social, de sua influência no pensamento educacional brasileiro, latino-americano e caribenho, como foi o exemplo que ele apontou, na conclusão da obra, quando relatou sua visita a El Salvador, e o encontro com camponeses e camponesas, que lutaram com armas em mãos por anos, mas aprendendo a ler e escrever nos espaços de guerra, e que naquela visita, festejavam com ele a importância da Pedagogia do Oprimido.

Ele entende que o método de alfabetização impactou a educação de adultos por ser diferente no processo de ensino, quando se emprega o diálogo e utiliza-se palavras e situações vistas no cotidiano dos discentes. Para tanto, Freire (1992) coloca o oprimido no centro do debate, ensinado primeiro a ler o mundo antes mesmo de ler palavras, não sendo qualquer mundo e sim o seu, o mundo que cercam sua realidade.

O educador recifense deu a ênfase necessária para a Educação de jovens e adultos. Graças a notoriedade do seu método, Paulo Freire recebeu mais de 40 títulos de doutor honoris causa e foi convidado no governo João Goulart para ser presidente a Comissão de cultura popular (CCP), com o objetivo de disseminar seu método em várias regiões do país, não tendo a oportunidade de dar continuidade ao processo por motivos políticos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Evolução da educação brasileira**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 14.dez.2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

ROMÃO, José Eustáquio. **O olhar freiriano sobre o processo escolar**. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 38, p. 71-77, maio/ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i38.3387>.

**Recebido em: 10 de maio de 2023**

**Avaliado em: 28 de junho de 2023**

**Aceito em: 29 de junho de 2023**

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Letras, da Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina. E-mail: [eduardo.genovez@upe.br](mailto:eduardo.genovez@upe.br)

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Letras, da Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina. E-mail: [neuma.laiza@upe.br](mailto:neuma.laiza@upe.br)

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Letras, da Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina. E-mail: [matheus.jhonas@upe.br](mailto:matheus.jhonas@upe.br)

<sup>4</sup> Estudante do Curso de Letras, da Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina. E-mail: [veronica.mariano@upe.br](mailto:veronica.mariano@upe.br)

<sup>5</sup> Professor Auxiliar do Curso de Letras, da Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina. Doutorando em Ecologia Humana (PPGECOH), Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB), Licenciatura em História (UPE) e Bacharelado em Direito (FACAPE). Especialista em Direito Administrativo (UCAM); Especialização em Gestão Pública Municipal (UNIVASF) Especialista em Metodologia do Ensino de História (FACINTER/IBPEX). E-mail: [enosfarias@gmail.com](mailto:enosfarias@gmail.com)

<sup>6</sup> Mestra em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Especialista em Ensino de Comunicação Social pela (UNEB/DCH III). Licenciada em Letras: Português / Inglês pela UPE/Petrolina. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: [ufsilva@gmail.com](mailto:ufsilva@gmail.com)